

# Escola de Ensino Técnico do Estado do Pará Dr. Celso Malcher e o Projeto Jovem de Futuro: um debate sobre educação tecnicista e educação emancipadora

School of Technical Education of the State of Pará Dr. Celso Malcher: a debate on technicist education and emancipatory education

Tarsila Amoras Sanches<sup>1</sup>  
tarsisanches@gmail.com

Vergas Vitória Andrade da Silva<sup>2</sup>  
vergas@ufpa.br

## Resumo

*O objetivo deste artigo é fazer uma análise das ações do Projeto Jovem de Futuro à luz do debate sobre as concepções de educação tecnicista e emancipadora. Desenvolvido na Escola de Ensino Técnico do Estado do Pará Dr. Celso Malcher, sob iniciativa do Banco Itaú e Instituto Unibanco, o Projeto Jovem de Futuro tem como meta elevar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) via aprimoramento da escrita e da leitura, com vistas a minimizar a evasão e a reprovação escolar. Partindo desse campo empírico e com base na perspectiva segundo a qual a educação e o ensino são ações intrinsecamente políticas, este trabalho pretende responder à seguinte problematização: as práticas pedagógicas do Projeto Jovem de Futuro, especificamente na antiga Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Celso Malcher, alinham-se a quais concepções de educação? Para dar conta dessa questão, o artigo baseia-se no arcabouço teórico próprio à pedagogia crítica freiriana. Neste sentido, a análise das ações do Projeto Jovem de Futuro será realizada pela ótica dos conceitos: opressão, conscientização e emancipação. Em termos metodológicos, o estudo baseou-se numa pesquisa de campo de natureza qualitativa, utilizando entrevistas semiestruturadas como técnica de pesquisa e estudo teórico-bibliográfico. Os resultados revelam que a concepção de educação que se materializou nas ações do Projeto Jovem de Futuro foi aquela de inspiração libertadora e crítica. Ao incentivar o protagonismo dos educandos, em especial dos mais vulnerabilizados de bairros periféricos de Belém/PA, o Projeto alinhou-se à pedagogia de enfoque humanista de Paulo Freire. Nossas entrevistas ilustram como as ideias freireanas podem ser praticadas nas escolas e em comunidades carentes. O artigo conclui que a pedagogia emancipadora é peça chave que pode auxiliar na formação de jovens críticos, engajados e reflexivos, capazes de intervir no mundo social em que vivem.*

**Palavras-chave:** educação emancipadora; educação tecnicista; neoliberalismo.

## Abstract

*The objective of this article is to analyze the actions of the Projeto Jovem de Futuro in the light of the debate on the concepts of technical and emancipatory education. Developed at the School of Technical Education of the State of Pará Dr. Celso Malcher, under the initiative of Banco Itaú and Instituto Unibanco, the Projeto Jovem de Futuro aims to raise the Basic Education Development Index (IDEB) by improving writing and reading, with a view to minimizing school evasion and failure. Starting from this empirical field and based*

<sup>1</sup> Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará. Membro do Grupo de Estudos em Sociologia, Educação e Desigualdades Sociais (GESEDES).

<sup>2</sup> Doutorado em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Docente na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará. Líder do Grupo de Estudos em Sociologia, Educação e Desigualdades Sociais (GESEDES).

*on the perspective according to which education and teaching are intrinsically political actions, this work intends to respond to the following problematization: the pedagogical practices of the Projeto Jovem de Futuro specifically in the former Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Celso Malcher align with which conceptions of education? To address this issue, the article is based on the theoretical framework specific to Freire's critical pedagogy. In this sense, the analysis of the actions of the Projeto Jovem de Futuro will be carried out from the perspective of the concepts: oppression, awareness and emancipation. In methodological terms, the study was based on a qualitative field research, using semi-structured interviews as a research technique and theoretical-bibliographical study. The results reveal that the conception of education that materialized in the actions of the Projeto Jovem de Futuro was one of liberating and critical inspiration. By encouraging the protagonism of students, especially the most vulnerable in the peripheral neighborhoods of Belém/PA, the Project aligned itself with Paulo Freire's humanist approach pedagogy. Our interviews illustrate how Freirean ideas can be practiced in schools and in needy communities. The article concludes that emancipatory pedagogy is a key element that can help in the formation of critical, engaged and reflective young people, capable of intervening in the social world in which they live.*

**Keywords:** *emancipatory education; technical education; neoliberalism.*

## 1. Introdução

O debate em torno das concepções de educação tecnicista e emancipadora constitui um vasto campo de interesses de estudiosos(as) nas ciências sociais e educação, reunindo diversos(as) autores(as), perspectivas e abordagens (Hypolito, 2010; Shiroma e Evangelista, 2015; Akkari e Mesquida, 2020; Oliveira, 2020; Schlesener, 2021; Furtado e Borges, 2021). Enredados na defesa de uma pedagogia crítica e libertadora de inspiração freiriana, os(as) autores(as) pertencentes a essa corrente de estudos examinam, sob diferentes olhares e enfoques, as minúcias inerentes a uma educação com enfoque humanista. Esses(as) pesquisadores(as) construíram modelos analíticos de grande consistência teórica em torno da tese segundo a qual o patrimônio pedagógico freiriano "é necessário se quisermos nos equipar com ferramentas úteis para entender, analisar e implementar políticas e processos educacionais contemporâneos emancipadores e capazes de combater as desigualdades" (Akkari e Mesquida, 2020, p. 03). Essas investigações desvelaram que as questões relativas à justiça social e à democracia são inseparáveis dos processos de ensino-aprendizagens, afinal, a pedagogia crítica de Paulo Freire (1996; 1999) é, antes de tudo, política, cujo objetivo é a libertação da opressão via consciência crítica. Desta forma, "quanto mais temos esta clareza através da prática, mais nos damos conta da impossibilidade de separar o inseparável: a educação da política" (Freire, 1987, p. 27).

Partindo dessa perspectiva, o campo de discussões que orienta este artigo está em sintonia com uma agenda teórico-metodológica dos estudos freirianos, os quais defendem uma visão de pedagogia categoricamente engajada contra as relações sociais de dominação e opressão. Afirmando que a neutralidade no ensino é impossível, Freire (2006, p. 123) nos lembra que "a qualidade de ser política é inerente à essência da educação". Na mesma linha de

argumentação, Antônio Nóvoa (1999, p. 17), que se destaca pelos estudos sobre formação docente, corrobora a perspectiva de Freire (1996; 1999) ao inferir que os professores "são funcionários, mas de um tipo particular, pois a sua ação está impregnada de uma forte intencionalidade política, devido aos projectos e às finalidades sociais de que são portadores". Ainda segundo esse autor, os docentes são sujeitos imprescindíveis ao processo de formação escolar, pois ocupam lugar de relevo nos percursos de ascensão social dos estudantes, "personificando as esperanças de mobilidade de diversas camadas da população: agentes culturais, os professores são também, inevitavelmente, agentes políticos" (Nóvoa, 1999, p. 17). Baseando-nos nessa forma de pensar o campo educacional, as práticas pedagógicas e a formação docente, este trabalho pretende discutir um tema caro às ciências da educação, qual seja: a contribuição do pensamento político de Paulo Freire para pensar ações pedagógicas humanizadores.

Assentando-se nas teses freireanas sobre a educação enquanto um empreendimento político-pedagógico, o objetivo deste artigo é fazer uma análise das ações do Projeto Jovem de Futuro à luz do debate sobre as concepções de educação tecnicista e emancipadora. Desenvolvido na Escola de Ensino Técnico do Estado do Pará Dr. Celso Malcher, sob iniciativa do Banco Itaú e Instituto Unibanco, o Projeto Jovem de Futuro, lançado em 2007, tem como meta elevar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) via aprimoramento da escrita e da leitura, com vistas a minimizar a evasão e a reprovação escolar, assim, o projeto visa realizar ações no campo das desigualdades sociais. Sua forma de organização é administrada a partir de 5 eixos: governança, assessoria técnica, formação, mobilização e gestão do conhecimento, que compõem o Circuito de Gestão. Segundo o site do Instituto Unibanco, o Projeto Jovem de Futuro tem atuação em 11 estados brasileiros por meio da parceria com as Secretarias Estaduais de Educação em escolas a partir do 6º

ano do ensino fundamental, dessa forma, consegue atingir mais de 3 milhões de estudantes. Partindo desse campo empírico e com base na perspectiva segundo a qual a educação e o ensino são ações intrinsecamente políticas, este trabalho pretende responder à seguinte problematização: as práticas pedagógicas do Projeto Jovem de Futuro se alinham a quais concepções de educação? Para dar conta dessa questão, o artigo baseia-se no arcabouço teórico próprio à pedagogia crítica freiriana. Neste sentido, a análise das ações do Projeto Jovem de Futuro será realizada pela ótica dos conceitos: opressão, conscientização e emancipação. Em termos metodológicos, o estudo baseou-se numa pesquisa de campo de natureza qualitativa, utilizando entrevistas semiestruturadas como técnica de pesquisa e estudo teórico-bibliográfico.

Os resultados revelam que a concepção de educação que se materializou nas ações do Projeto Jovem de Futuro foi aquela de inspiração libertadora e crítica. Ao dar voz aos educandos, em especial aos mais vulneráveis de bairros periféricos de Belém/PA, o Projeto alinhou-se à pedagogia de enfoque humanista de Paulo Freire. Nossas entrevistas ilustram como as ideias freireanas podem ser praticadas nas escolas e em comunidades carentes. O artigo conclui que a pedagogia emancipadora é peça chave que pode auxiliar na formação de jovens críticos, engajados e reflexivos, capazes de intervir no mundo social em que vivem. Segundo nosso ponto de vista, a realização deste estudo justifica-se à medida que ele faz movimentar o debate sobre uma pedagogia humanista e humanizadora em um período de triunfo da pedagogia instrumental e técnica a serviço da economia. Nosso estudo é tributário de uma ação dialógica, reflexiva e problematizadora "que favorece a luta contra propostas de formação/educação enrijecida pela burocracia, pelo dirigismo, distante da realidade, descontextualizada, não passível de reflexão e verticalizada, desconectada da totalidade dos processos educativos" (Carvalho e Pio, 2017, p. 441).

Por fim, este artigo está estruturado em três seções, além da introdução e considerações finais. Na primeira, traçaremos, numa perspectiva histórica, os principais aspectos da concepção tecnicista, dando ênfase à dimensão do autoritarismo para formar. Na segunda seção, apresentaremos breves notas sobre a pedagogia emancipadora de Paulo Freire, privilegiando as noções: opressão, conscientização e emancipação. Na terceira e última seção, analisaremos as ações do Projeto Jovem de Futuro, demonstrando que elas se coadunam com práticas pedagógicas emancipadoras e críticas.

## 2. Concepção tecnicista: breve trajetória histórica

A partir da necessidade do avanço da industrialização, o mundo também estava buscando adequar a sua forma de organização social, baseada na propriedade privada dos meios de produção. Assim, as instituições sociais desempenham papéis específicos para a manutenção e o desenvolvimento do capitalis-

mo, a escola carrega consigo a fundamental tarefa de produzir a mão de obra competente para o mercado de trabalho, que está em processo de aperfeiçoamento em seu método de construção. Nessa análise, a prioridade é atender à demanda do capital a partir de treinamento contínuo dos trabalhadores em formação, dessa forma, os desejos individuais que destoam desta imposição são desconsiderados para o desenvolvimento profissional no âmbito do ensino escolar (Silva, 2016).

A classe dominante constrói a sua manutenção no poder a partir de formas de controle social, político, intelectual e subjetivo dos indivíduos. Essa manutenção é estabelecida por meio da economia, mídia, família, igreja e a educação é uma dessas ferramentas que funcionam como engrenagem para a continuidade da ordem burguesa e capitalista de produção. Como afirma Álvaro Hypolito (2010, p. 1339), "o neoliberalismo em educação deve ser compreendido muito mais como uma política de regulação do Estado do que como uma política educacional de governo". O governo é responsável por esse funcionamento através de orientação ideológica e políticas públicas para o funcionamento da sociedade sob a estrutura do sistema. O neoliberalismo é construído a partir da percepção da solução dos problemas sociais pela lógica mercadológica. Nesse sentido, a escola segue um funcionamento competitivo e meritocrático de formar para as necessidades do capital, ou seja, é produtora de mão de obra sob demanda para o mercado internacional e atua na conscientização das massas para os sujeitos oprimidos se identificarem e reproduzirem a opressão sofrida, de modo a encontrar justificativa para a sua existência.

O desenvolvimento técnico adentra as relações de trabalho de maneira a especializar a mão de obra e fragmentar o trabalho cada vez mais mecanizado, em busca de maior eficiência em responder às demandas do mercado. Dessa forma, os métodos taylorista e fordista são construídos para a segmentação do trabalho, centralizando seu controle em uma gerência mínima.

Neste cenário, não é de mau tom buscar a semelhança do *taylorismo/fordismo* com as avaliações e gincanas que ranqueiam escolas e alunos entre melhores e piores, utilizando do discurso de honra ao mérito. Assim como não é irreal comparar a divisão do trabalho com a construção do currículo escolar, segmentado por áreas pré-estabelecidas como essenciais, em que umas têm mais carga horária em detrimento de outras, principalmente das que podem atingir a eficiência do papel social da escola na produção de trabalhadores. Esse processo de especialização do trabalhador no que é necessário para o mercado está atrelado às crises do sistema capitalista, que passou a exigir maior dedicação à análise correta para atingir as metas do neoliberalismo, assim, desenvolve-se o modelo toyotista de produção, para a busca de desenvolvimento técnico para maior eficiência e lucratividade (Silva, 2016). O sistema neoliberal estabelece a concepção de que a escola está inserida nas ferramentas para alcançar as metas de desenvolvimento econômico, desse modo, o investimento em educação é determinado a partir dos critérios do capital.

A tendência pedagógica liberal tecnicista cumpre um papel fundamental para a manutenção dessa ordem social vigente, o sistema capitalista, que, para existir, precisa de exploradores e explorados, patrões e empregados na sua hierarquia de poder social, histórico e econômico. Assim, no final da década de 1960 – no período pré-Revolução Industrial, em que os ânimos econômicos estavam efervescendo para a transição do sistema manufatureiro para o monopolismo do capital –, o Brasil enfrentava uma crise no sistema de ensino que detinha altas taxas de evasão e repetência em meio a ditadura militar que impunha à maneira positivista a ordem e o progresso econômico (Mira e Romanowski, 2009).

Nesse cenário, com a necessidade de formação de mão de obra para o desenvolvimento da indústria no Brasil, a educação, como subsistema do sistema capitalista, também deveria formar novos trabalhadores para pensar e agir como o capital precisava, assim, o modelo empresarial, a partir da Teoria Geral da Administração (TGA) – fundada nos primórdios do capitalismo e responsável por gerenciar o trabalho para obter resultados condizentes com os níveis de produtividade demandados pelo mercado –, fragmenta o trabalho entre os que executam e os que planejam e controlam (Marques, 2012) – é aplicado na escola visando à racionalidade, eficiência e produtividade (Mira e Romanowski, 2009). Com isso, em 1942, no Brasil, é desenvolvido o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), que já formou 73 milhões de profissionais (Portal da Indústria, 2022) em seus cursos técnicos, com maioria voltado ao setor automotivo, responsável, em 2021, por 3% do PIB brasileiro, segundo matéria da Agência Câmara de Notícias. Com esse dado, é possível observar a prioridade do sistema educacional, em que o aluno é incentivado a receber o conhecimento que lhe cabe para cumprir o seu papel social destinado, e a escola utiliza de incentivos, como as competições entre os próprios alunos, e desenvolve diversos métodos para avaliar se está no caminho certo para esse objetivo final, como a lógica de ensino repetitivo para fixar conteúdo, avaliá-los por meio das provas, recompensar o sucesso com uma indicação de melhor aluno, receber medalha de honra ao mérito etc. Todas essas são formas de manter o aluno na escola, mas também de fortalecer a evasão daqueles que não atingem o objetivo imposto pelo sistema escolar.

A reforma do Ensino Primário e Médio (Lei 5692/71) e, mais recente, a reforma do Novo Ensino Médio (Lei 13.415/2017) valorizam a concepção tecnicista e o contínuo desenvolvimento para a formação de mão de obra barata para o mercado de trabalho. A partir do método empresarial de gerir a educação, a escola passa a ser uma empresa que, para sua eficiência, tem prestadores de serviço (professores), clientes (alunos) e a mercadoria a ser vendida (ensino) (Mira e Romanowski, 2009). Da mesma forma que a escola elabora os testes para avaliar os alunos, é necessário ter em vista que a direção da escola também cumpre objetivos perante o governo e que este trabalha em prol de um modelo de gerir a sociedade – e, porventura, a educação. Significa caracterizar que esses diretores na base também estão sob análise e avaliação da hierarquia político-econômica de atingir

as metas que o capital necessita para sua manutenção. Exemplo disso são as avaliações feitas por meio dos testes padronizados, como o Provinha Brasil, que avalia o quinto e nono ano do ensino fundamental.

Seguindo essa lógica, a partir do momento que há avanço, no mercado financeiro, de demanda de trabalhadores, a sociedade deve se organizar para suprir sua necessidade. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é a ferramenta que obrigatoriamente padroniza a educação brasileira de Norte a Sul, para atender aos seus objetivos de maneira exemplar e administrativa. Oliveira (2020) consegue caracterizar o avanço liberal na educação de maneira a sinalizar que:

*[...] mais do que no passado, o projeto em curso se articula com a questão da avaliação e da padronização rigorosa dos processos de ensino, pois a lógica que define atualmente essa articulação é um tecnicismo novo – um neotecnicismo –, cuja ordem de eficiência obedece à modelos mais contemporâneos de produção, perfeitamente computáveis, digitalizáveis, escalonáveis e hierarquizáveis com a aparência de neutralidade positivista do sistema de ensino operado mecanicamente (Oliveira, 2020, p. 10).*

Em consonância com esse raciocínio, as escolas técnicas, cada vez mais, ganham espaço prioritário de investimento dos governos estaduais. No Brasil, de acordo com matéria do site Câmara de Notícias, em sete anos – de 2013 a 2019 –, houve um aumento de 17% nas matrículas no ensino técnico, porém, a meta do Plano Nacional de Educação (PNE) é de triplicar o número de estudantes na educação profissional técnica para responder às demandas de um mercado de trabalho renovado pelas novas tecnologias.

Nesse sentido, o ensino técnico tende a se afincar muito mais na sociedade, pois, enquanto é vendido como um método de dar oportunidades para os estudantes obterem sucesso financeiro, é um dos tentáculos do grande sistema capitalista e suas mudanças na forma de ordem social. A educação está presente na vida da maioria da população brasileira e, para muitos, significa o caminho para a mudança econômica individual, entretanto, é sob a lógica de formar para controlar que atua o neoliberalismo.

## 2.1 O autoritarismo para formar

O controle social também é psíquico, tendo em vista que se constrói para estabelecer ordem em uma sociedade diversa e controversa. Ideais preconceituosos, violentos e conservadores têm crescido no Brasil, assim como as lideranças políticas que impulsionam sua legitimação e propagação na base de seus eleitores. É no seio das instituições Família e Igreja que é apresentado o autoritarismo no início da formação da criança, que encontra, logo cedo, a destinação dos papéis de homens e mulheres na sociedade: eles, violentos; elas, submissas. Assim, Schlesener (2021) compartilha conosco que:

*Num momento em que ascendem os movimentos políticos mais conservadores e reacionários, o fenômeno psicológico*

*(e ideológico) de manipulação das massas se torna o instrumental de recrudescimento dos preconceitos e mitos, da discriminação e da exclusão dos diferentes com a negação das diferenças, de modo que se acentua a importância de conhecer a gênese da personalidade (Schlesener, 2021, p. 418).*

A escola, também como parte fundamental para o desenvolvimento da consciência coletiva de como funcionam as relações sociais, exerce grande poder no convencimento individual dos estudantes para o respeito às regras burguesas, em que não apostar na educação emancipadora é estabelecer o vínculo da hierarquia entre coordenadores, professores e alunos; e externo a ela, o aluno deve seguir a lógica de que há quem manda e quem obedece. A obediência segue entre pais e filhos, chefe e trabalhador, pastor/padre e fiéis, pois também é alimentada pelo medo do castigo – seja ficar sem o videogame, ser demitido ou ir para o inferno. Dessa forma, o controle social é assegurado pelo pavor do que pode acontecer se as regras forem quebradas.

Com uma educação autoritária na família, na escola, na igreja e na gestão de governo, a personalidade do indivíduo é formada em seu processo de socialização (Schlesener, 2021) para fazer parte do exército de trabalhadores não conscientes da opressão sofrida, a fim de reproduzirem mais trabalhadores (filhos de trabalhadores = trabalhadores) e idolatram seus algozes. A partir do momento que a escola tem o compromisso principal em formar profissionais qualificados para o mercado de trabalho, quem não apresenta, em seu percurso, a demonstração da chegada nesse objetivo é digno de abandono quanto à preocupação da instituição em seu rendimento. Isso faz com que ignore o contexto social em que o aluno está inserido e todos os problemas que podem acompanhá-lo fora da escola, mas que a complementam: se ele não comeu antes de ir para a aula e a escola não disponibilizou merenda, se precisa trabalhar para ajudar financeiramente em casa e, por isso, faltou algumas aulas durante o ano letivo, se sofre de transtornos psicológicos e, em razão disso, tirou notas vermelhas. Não se deve isolar a escola como se não fizesse parte da totalidade social, mas analisar cada estudante como indivíduo inserido no contexto sociopolítico-econômico brasileiro.

### 3. Notas sobre a pedagogia emancipadora freiriana

Em contraposição a toda forma mercantil de gerir a educação como subsistema, Paulo Freire (1996, 1999) é o principal pensador que elabora uma pedagogia crítica para a construção de conhecimento, extinguindo a lógica do aluno como depósito de informações e transformando-o em sujeito ativo na sala de aula e na sociedade para a tomada de consciência de classe, para a percepção de que o mundo de desigualdades sociais é dividido entre opressores e oprimidos.

No século XX, com o avanço dos ideais progressistas e a consolidação do escolanovismo – tendência que surge a partir

da construção de uma escola mais democrática para intervenção ativa na sociedade – entre os intelectuais da educação, é observada a limitação do ensino tradicional e conservador, que, em resposta, elabora o tecnicismo, em que a escola é gerida sob o modelo empresarial de produtividade, organização e desempenho, invisibilizando a autonomia do professor e do aluno na sala de aula, considerando-os peças do processo educacional (Furtado e Borges, 2021). Assim, quando os sujeitos não são referenciados como seres pensantes, logo, o aperfeiçoamento da criticidade e da reflexão de nada valem para o projeto de tomarem posse em postos de trabalhos mecanicistas futuramente. O professor não detém a liberdade de trabalhar o conteúdo de sua disciplina, pois já é apresentado em uma forma do que pode e o que não pode. O estudante, por sua vez, absorva esse conteúdo para realizar testes trimestrais que avaliam o seu rendimento em decorá-los, mas não os aprender a aplicar na realidade concreta em que estão inseridos. Freire (1999) denomina essa prática de educação bancária, em que o aluno é designado estruturalmente para ser um depósito de conteúdos, que logo mais podem ser esquecidos, e os professores são os responsáveis hierarquicamente por instruí-los e não os educar. Afinal, o ato de depositar informações e não de proporcionar o aprendizado crítico é o que move a sociedade capitalista.

*(...) a narração os transforma em vasilhas, em recipientes a serem "enchidos" pelo educador. Quanto mais vá "enchendo" os recipientes com seus "depósitos", tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente "encher", tanto melhores educandos serão. (...) Eis aí a concepção "bancária" da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fixadores das coisas que arquivam (Freire, 1999, p. 58).*

No cenário em que é desvalorizada a construção dos indivíduos como sujeitos ativos socialmente na análise crítica da realidade, o aprofundamento do ensino recai nos valores éticos e morais que a burguesia necessita para a sua continuidade no poder. Assim, as escolas técnicas e o novo ensino médio refletem a educação sob o lema da ordem contra o caos, da civilidade contra a barbárie. Nessa ótica, os bons alunos são obedientes com honra ao mérito, enquanto os maus são rebeldes que merecem punições. Desse modo, qualquer forma de organização estudantil é repudiada, pois visa à autonomia do ser pensante, que deveria seguir ordens, e não as questionar.

Para Freire (1996), o currículo é uma ferramenta político-pedagógica a serviço de um poder macroestrutural que reflète a escola como dispositivo de construção de cidadãos. A diferença entre a pedagogia emancipadora que Freire propõe e a pedagogia tecnicista é a forma de gerir a educação, enquanto, no ensino, técnico está sob a lógica de formação da mão de obra industrial, no ensino emancipador, ela é ferramenta de mudança social a partir de uma nova forma de fazer aprender, em que não há apenas a transferência, há a dinâmica de troca educador/educando, sem o local fixo de que professor é quem ensina e

aluno é quem aprende, inaugurando a perspectiva de que todos estão aptos a aprender e ensinar; é sob essa nova disposição que Freire conceitua todo ser humano como ser inacabado e social, que estão consigo (por se entender como ser em movimento) e com os outros, ensinando e aprendendo. Assim, a partir dessa ótica, é possível analisar os indivíduos em constante evolução e construção por existirem – e não apenas viverem em sociedade –, portando, todas as suas contradições, captações e transformações dignas de ser humano.

Dessa forma, o currículo deve refletir o contexto social, histórico e econômico, que estará inserido para humanizar as relações sociais e construir as transformações, mediante a consciência individual e coletiva do mundo social construído longe da lógica da opressão e exploração. Para essa mudança, deve ser analisado e construído de forma qualitativa, em que o educando seja humanizado na sua realidade vivida a partir do bom-senso (Freire, 1996) de conectar a educação à sua utilidade em seu meio. Em um país racista de maioria negra, machista de maioria feminina, que lidera a LGBTIA+fobia, construir uma educação que ignora esses fatos é não exercitar a autonomia dos educandos para mudanças reais radicalmente livres.

A pedagogia freiriana defende uma educação que trabalhe pela emancipação social, não assuma posição neutra e esteja politicamente em luta com a classe trabalhadora contra a classe dominante. O apelo pela neutralidade na educação vindo das massas é ingenuamente cruel e beira o masoquismo de se submeter a tamanha dominação para exploração; quando vindo da burguesia, é a prática ideológica para não ser contestada e combatida. Toda educação é política, todo currículo é ideológico. Segundo Paulo Freire, por meio de uma pedagogia crítica, o sujeito sai do nível de consciência mágica (em que sua vida é pré-determinada) para o nível de consciência crítica (com a autonomia de mudar seu destino) (Akkari e Mesquida, 2020). Essa concepção de ação deve ser elaborada a partir do avanço da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica (Freire, 1996), ou seja, o avanço rigoroso da criticidade e insatisfação para romper com estruturas, a partir de uma visão dialética da luta coletiva e revolucionária.

É com base nessa estrutura conceitual que este artigo analisará as ações do Projeto Jovem de Futuro. As noções privilegiadas na análise serão: opressão, conscientização e emancipação.

## 4. As ações do Projeto Jovem de Futuro: resultados e discussões

Esta pesquisa está inserida na linha dos trabalhos que buscam problematizar a contribuição de Paulo Freire para os fundamentos teóricos e práticos da pedagogia crítica, buscando compreender práticas pedagógicas humanizadoras, desenvol-

vidas via Projeto Jovem de Futuro. Para isso, realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa, pois se priorizou “o universo de significados, motivos, inspirações, crenças, valores e atitudes dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, 2002, p. 21-22). Este estudo contou ainda com uma revisão de literatura, na qual buscamos utilizar “dados e categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores” (Severino, 2007, p. 122). O enfoque de nossa investigação empírica sustentou-se por meio da realização de entrevistas semiestruturadas com os principais agentes do Projeto Jovem de Futuro. Ao total, realizamos 5 entrevistas com os seguintes interlocutores: 4 ex-estudantes e o ex-coordenador do Projeto, no mês de novembro do ano 2022. Em termos éticos, vale ressaltar que todos os entrevistados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Antes de apresentarmos os principais resultados e discussões, é fundamental fazer um breve histórico sobre a estrutura física da Escola de Ensino Técnico do Estado do Pará Dr. Celso Malcher, local onde as ações do Projeto Jovem de Futuro eram realizadas. Um dos primeiros prédios em que a antiga Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Celso Malcher funcionou é onde hoje atua a Unidade Integrada ParáPaz (UIPP)<sup>3</sup>, do bairro Terra Firme, em Belém/PA. No entanto, além do espaço não adequado, sempre conviveu com problemas estruturais da escola, como as infiltrações, e da realidade do bairro periférico, vítima de descaso pelo poder público. Diante do interesse de construção da UIPP, a escola foi transferida para o prédio da Igreja São Domingos de Gusmão, na Praça Olavo Bilac, localizada no bairro da Terra Firme. Ali a escola foi apelidada de “Igrejinha” pelas pessoas do bairro.

Mais tarde, a escola foi realocada para a E.E.E.F. (Escola Estadual de Ensino Fundamental) Nuremberg Borja de Brito Filho, localizada na Av. Celso Malcher, no bairro da Terra Firme, e sob encargos da antiga Rede de Centrais Elétricas do Pará (CELPA). A maior problemática do local era a falta de estrutura que uma escola para até o 9º ano oferecia para estudantes do ensino médio. De fato, as cadeiras pequenas não aconchegavam os corpos de adolescentes que se preparavam para adentrar a faculdade no final do ano.

Apesar das limitações de espaço, é desse local que os entrevistados guardam suas melhores memórias. Foi nesse período que a escola se envolveu com o Projeto Jovem de Futuro, iniciativa do Banco Itaú com o Instituto Unibanco, em parceria com Secretarias Estaduais de Educação, que tem o intuito de fomentar a aprendizagem dos alunos de escolas públicas. Segundo o ex-coordenador do Projeto, ele tinha o objetivo de elevar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), via aprimoramento da escrita e da leitura dos estudantes, além de incentivar para a diminuição da evasão e reprovação escolar. Assim, o Banco Itaú também tomava conhecimento das realidades dos jovens das periferias para fazer um levantamento dos potenciais protagonistas juvenis.

<sup>3</sup> O projeto tem o objetivo de fortalecer os laços familiares e a democracia, propiciando espaços de protagonismo de adolescentes, jovens e suas famílias na construção coletiva da Cultura de Paz e redução da violência, em resposta a problemas sociais e de segurança pública (Fundação PARÁPAZ).

Entretanto, apesar do Projeto ser construído para sua efetivação a partir de uma metodologia já fechada, anterior ao debate com as instituições e seus profissionais, a sua instalação na Dr. Celso Malcher tomou uma nova característica. Ainda que o Itaú e o Unibanco disponibilizassem de recurso financeiro para as escolas, na Dr. Celso Malcher, o projeto chegou sem essa garantia quando apresentado pela Unidade Seduc na Escola (U.S.E). Apesar das dificuldades, o ex-coordenador crê que, "no linguajar da política, não existe vácuo de poder", por isso, aceitou tomar essa posição de gestor por acreditar em uma educação emancipadora e querer aproveitar a oportunidade da melhor forma com os estudantes, ainda que não seguindo à risca o planejamento apresentado à escola e fazê-lo à sua maneira. Dessa forma, com muita disposição voluntária, o projeto era construído pelo professor coordenador e por volta de 8 estudantes distribuídos no 1º, 2º e 3º ano do ensino médio, que se reuniam regularmente a partir das 17h, ao fim das aulas, e realizavam ações, como rodas de conversa, cine-debate, oficinas, reuniões e discussões sobre a realidade da juventude da Terra Firme. As ações com seus detalhes podem ser observadas no quadro 1, abaixo.

Cada atividade coadunava para a fomentação do pensamento crítico dos estudantes. As reuniões semanais dos Agentes Jovens – como eram chamados seus participantes – com o coordenador era o ponto central de encontro para a organização das ações na escola. Aconteciam no horário de 17h, pós-aula, e durava entre 1h e 1h30 nas dependências do colégio. Esse era um espaço importante de diálogo entre professor/aluno para pensarem coletivamente os problemas da escola. O entrevistado n.º 4 relata que as ações organizadas construíam subjetivamente o sentimento de pertencimento dos estudantes na escola, visto que se viam como parte importante do seu funcionamento. As rodas de conversa eram sobre temáticas da realidade concreta dos estudantes de escola pública na periferia de Belém/PA, então, as questões raciais e sociais eram foco dos encontros, chegando a convidar palestrantes de movimentos sociais de fora do espaço escolar. O pátio da escola foi sede da roda de

conversa "Exterminio da juventude da periferia e a escola que a gente quer". Esse movimento de realizações coletivas de atividades que são urgentes na vida daqueles estudantes, Paulo Freire (1996) caracteriza como a recuperação da humanidade, a partir da compreensão do local ocupado por esses jovens na sociedade imposto pela lógica de opressão e exploração. Dessa forma, os estudantes que participaram das atividades do Jovem de Futuro no Dr. Celso Malcher estavam em aprendizado constante para avançar sua consciência crítica para a construção de sua autonomia enquanto agentes capazes de transformar a realidade, obtendo, assim, a consciência de viver a classe para si (Akkari e Mesquida, 2020).

Segundo nossa análise, as ações do Projeto Jovem de Futuro podem ser pensadas mediante os conceitos freirianos de opressão, conscientização e emancipação. Afinal, o contexto social em que os jovens envolvidos no Projeto viviam e vivem é aquele dividido em opressores e oprimidos, entre classes que oprimem e classes oprimidas (Freire, 1999). É neste sentido que as práticas pedagógicas, experienciadas pelos estudantes paraenses no projeto, alinham-se a uma pedagogia que parte do oprimido, uma pedagogia que "tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação da sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos" (Freire, 1999, p. 32). Em razão disso, inferimos que a conscientização dos educandos foi parte decisiva da concepção pedagógica crítica adotado no Projeto Jovem de Futuro na Dr. Celso Malcher, que, por meio de suas ações, incentivava estudantes a tomarem consciência de seu papel na defesa de uma sociedade mais justa e mais equitativa socialmente. Por meio da concepção freiriana de emancipação, esses estudantes apreenderam o valor do coletivo, entenderam que "ninguém liberta ninguém, nem ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão" (Freire, 1999, p. 130).

Após a análise das ações do projeto Jovem de Futuro à luz dos conceitos opressão, conscientização e emancipação, passemos aos relatos dos protagonistas. O cine-debate, ou como é citado, o Cinema na Escola, ocupa um espaço de carinho na memória dos alunos – era mais comum no período de avaliação, assim que saiam da sala de aula –, por reunir os estudantes de todos os anos do ensino médio para assistir a um filme escolhido nas reuniões internas do projeto, tendo como ideal o debate após sua finalização. A maioria dos filmes era sobre a relação professor/aluno construída sob narrativas de superação e construção de autonomia de jovens estudantes. Alguns deles são: *Sociedade dos Poetas Mortos (1989)*, *Escritores da Liberdade (2007)* e *A Onda (2008)*.

Algo a notar é a divisão de tarefas da equipe Jovem de Futuro. O ex-coordenador descreve como essas sessões eram organizadas:

"Chamei a galera do Jovem do Futuro, 'bora organizar uma sessão audiovisual, tá? Olha vocês vão passar na sala, vão convocar os aluno [para] onde a gente vai ter uma programação de

**Quadro 1:** Ações do Projeto Jovem de Futuro  
**Table 1:** Actions of the Jovem de Futuro Project

ATIVIDADES	OBJETIVOS
Rodas de Conversas	Levantar discussão sobre a realidade dos jovens da periferia;
Cine-debate	Por meio do acesso à arte introduzir o debate social a partir de filmes clássicos;
Reuniões	Organizar as atividades de planejamento que seriam realizadas na escola

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)  
Source: Prepared by the authors (2022)

*filme, né? Vocês vão fazer inscrições dele! A gente fazia a coleta, comprava milho pra fazer pipoca, comprava ki-suco, né? Colocava numa jarra grandona, eles iam pra lá fazer. Distribuir a responsabilidade, tá? Ai terminava a prova eles iam lá."*

Assim, deu-se início a encontros mais frequentes, repletos de incentivo ao pensamento crítico, como mostra a figura 1.

Em *Pedagogia da Autonomia* (1996), Paulo Freire aborda sobre a importância de respeitar a autonomia do ser educando, inclusive, para que, de maneira livre, a partir de suas inquietações, perceba as opressões que lhe atravessam. A nível metodológico, o projeto Jovem de Futuro na Dr. Celso Malcher visava essencialmente incentivar o pensamento crítico a partir de uma educação participativa para a reflexão do meio social em que o estudante estava inserido, construído pela desigualdade social em um bairro periférico da região metropolitana de Belém/PA, com problemas de saneamento básico e urbanização, além da falta de gestão do espaço da escola pela CELPA<sup>4</sup>, (pois seus grandes caminhões destruíam a estrada asfaltada, quebrando-a e fazendo buracos na entrada da escola, que enchia com a chuva e gerava lama) e pelo poder público, por não dar prioridade aos problemas enfrentados. O ex-coordenador compartilha que:

*"Você pode controlar todas as 'técnica', você pode controlar todo o conhecimento. Mas se você não tratar o ser humano como ser humano, você não vai conseguir seu objetivo, né? Então tem que partir do entorno dele, né? 'O que que tu tem aqui?', né? Como é que tu tem que atuar? Que que tu acha que precisa mudar? Né? Então começa, né? Na teoria do Paulo Freire, [ele] discutiu o meio onde tu está, onde eles passam en-*



Figura 1: Roda de conversa "Extermínio da juventude da periferia e a escola que a gente quer" (2018)

Figure 1: Conversation circle "Extermination of black youth in the periphery and the school we want" (2018)

Fonte: Instagram Juntos! Belém (2018)

Source: Instagram Juntos! Belém (2018)

*xergar onde eu vou poder atuar, né? E problema na Terra Firme é o que não falta e, a partir desse momento aí, né, engrandeceu com as outras disciplinas, com os outros conteúdo de sala, 'ele' já vinham, né, propondo outras 'dinâmica' pra gente fazer, propondo o tema de redação, por exemplo, peças de teatro que a gente ensaiava [...] Isso aí contribuiu o quê? Pra se tornar cada vez mais crítico em relação ao espaço onde eles vivem, né? De não aceitar as coisas como elas são. Ai, então, nisso aí teve um ganho muito forte."*

A partir do momento que o protagonismo do local de debate foi aberto para os estudantes, a escola passou a ocupar um espaço de prioridade na vida de cada um, para cuidar e se importar com a instituição e seus problemas que podiam ser resolvidos de maneira coletiva. O entrevistado n.º 2 é ex-estudante e relata que o problema da evasão escolar chamava a atenção deles, então, via Projeto Jovem de Futuro, passaram nas salas de aula para realizar entrevistas e entender o que estava acontecendo para seus colegas abandonarem a escola. Juntos, constataram que a gravidez na adolescência estava atingindo muitas meninas, que, em determinado momento, tinham que deixar a escola parcial e depois totalmente para se dedicarem a cuidar de seus filhos. Nesse sentido, ele compartilha sobre os motivos da evasão ter sido uma das grandes dificuldades a ser enfrentada:

*"Olha, o motivo, por exemplo, da gravidez, ele está dentro de um escopo geral, que é comum no bairro em volta da Terra Firme, que é a questão socioeconômica dessa pessoa. É uma pessoa vulnerável economicamente e, por exemplo, no caso das mulheres que engravidavam se tornavam um agravante porque elas teriam que trabalhar pra cuidar dos filhos. Então, no geral a gente percebia que essa questão socioeconômica afetava. E também, isso afetava, de uma certa forma, a escola. A escola também era uma escola carente às vezes de recursos, faltava merenda, as salas eram quentes, muitas vezes o banheiro estava quebrado. Então, coisas, que, assim, a própria escola não conseguia atender essa necessidade social que a pessoa tinha já de fora, por exemplo, a pessoa não conseguia... ia de casa com fome e a escola às vezes não tinha merenda. Então, são coisas assim que vão prejudicando a vivência do aluno naquele espaço, entendeu? Vai afastando ele daquele espaço por a pessoa não se sentir contemplada por ele"*

Dessa forma, o debate de educação sexual foi inserido na escola via palestras e durante as aulas, principalmente as de biologia, abordando, por exemplo, sobre as formas de prevenir uma gravidez não planejada. O entrevistado n.º 2 compartilha que a médio prazo foi se revelando as conquistas qualitativas dessas ações, com o número de evasão por gravidez diminuindo gradativamente e o debate social ganhando protagonismo para compreender as problemáticas que envolviam a escola e o bairro da Terra Firme.

Com a crescente organização na base da escola, os estudantes, com apoio de professores, desejavam dar um passo a

<sup>4</sup> Antiga empresa estatal de distribuição de energia elétrica paraense.

mais no fortalecimento do movimento com a criação do Grêmio Estudantil, por entender a importância das lutas em defesa da escola e da educação pública, das manifestações pela garantia de direitos, da possibilidade de solicitar reuniões com a SEDUC e dá chance de representar os estudantes da Dr. Celso Malcher e do bairro da Terra Firme. Então, os participantes do Jovem de Futuro organizaram, em 2018, o processo de fundação e a eleição para o Grêmio Estudantil, e, segundo os entrevistados, o documento comprovando a existência da entidade chegou a ser registrado no cartório.

De fato, o Projeto Jovem de Futuro, sob coordenação de um professor comprometido com a luta social, conseguiu trabalhar com aqueles estudantes de ensino médio o sentido da escola na vida de cada um, implementou o "querer fazer pela escola", como o entrevistado n.º 4 demarcou. Longe da regra de avaliar para passar de ano, o professor coordenador construiu laços que fortaleceram uma relação de troca e aprendizado, nunca tendo sua autoridade como profissional questionada, mas sim fortalecendo uma nova forma de elo baseado no respeito mútuo. Esse episódio na vida de todos os 4 ex-estudantes entrevistados fincou raízes profundas na sua percepção de mundo e na forma como se colocam nele. Todos – mesmo o único que não participou do Projeto, mas vivenciou o seu legado pelo envolvimento com a criação do Grêmio Estudantil – aplicam na prática o que aprenderam nos anos de escola, estão hoje em universidades públicas e utilizam do conhecimento aprendido em construir lutas sociais para se envolverem em projetos sociais no bairro, em projeto de extensão na universidade, no movimento estudantil, ou mesmo aquele que queria estar mais presente, mas não consegue por ter que trabalhar e estudar, compreendeu a importância de questionar as desigualdades do mundo e leva isso para sua futura profissão.

O caminho que cada ex-estudante da antiga Escola de Ensino Médio Dr. Celso Malcher decidiu construir está conectado com a aprendizagem emancipadora que aprenderam na luta incansável pelo direito do prédio próprio de sua escola e no desenvolvimento de se entenderem como agentes transformadores da realidade. Paulo Freire (1996) aborda sobre essa tomada de consciência a partir das diferenças de ser condicionado e ser determinado. O ser determinado está completamente alheio às decisões da história que podem ser afetadas por ele enquanto sujeito posto no mundo; já o ser condicionado está condicionado a algo, mas que consciente do seu inacabamento, pode avançar. Assim é com a forma que o Projeto Jovem de Futuro tomou na escola sob mérito do coordenador e dos estudantes que se sentiram responsáveis por ele e pelos demais alunos, compreenderam, a partir do desenvolvimento da consciência crítica, a realidade da escola e de cada jovem (inclusive deles mesmos) e buscaram intervir para melhorar. Afinal, o bairro marginalizado sem atenção do governo e a escola sem investimento não deveriam ser normalizados e justificarem a evasão escolar daqueles jovens. Não é escolha abandonar os estudos, é imposto na realidade. "Os homens são porque estão em situação" (Freire, 1999, p. 101).

## 5. O fim do Projeto Jovem de Futuro: a transição do ensino médio para o ensino técnico

Após anos de incertezas e deslocamento da E.E.T.E.P.A. Dr. Celso Malcher, em 2019, é inaugurado o tão esperado prédio próprio da escola. O drama que atravessou famílias, finalmente, recebeu resposta do governo do Estado, no período (2014-2018) gerenciado por Simão Jatene (PSDB), que esteve presente em sua abertura de portas acompanhado de policiais militares.

Todavia, o Ensino Fundamental continuou na E.E.I.F. Escola Nuremberg Borja de Brito Filho e apenas o Ensino Médio migrou para o novo prédio, com data de validade de 1 ano e 2 meses, pois logo mais adotaria unicamente o Ensino Técnico. Como reflexo da indignação acumulada, a inauguração contou com a manifestação dos estudantes, que reconheciam a irresponsabilidade do poder público na demora de entrega da escola e resolveram receber o governador Simão Jatene com cartazes e palavras de ordem. Isso é visto na figura 2, que apresenta os cartazes com críticas à gestão pública. A figura 3 demonstra o diálogo entre a polícia militar e os estudantes da escola.

A figura 4 mostra quando o então Governador Simão Jatene deixa o espaço da escola após a cerimônia, mas não conversa em nenhum momento com os estudantes que construíram a manifestação.

Os acontecimentos registrados nas figuras 2, 3 e 4 são patentes em revelar como os estudantes, que faziam parte do Projeto Jovem de Futuro, comportavam-se como sujeitos enga-



Figura 2: Inauguração da E.E.T.E.P.A. Dr. Celso Malcher em 2019  
Figure 2: Inauguration of the E.E.T.E.P.A. Dr. Celso Malcher in 2019

Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2019)  
Source: Authors' personal archive (2019)



**Figura 3:** Encontro entre a polícia militar e estudantes (2019)  
**Figure 3:** Meeting between military police and students (2019)  
Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2019)  
Source: Authors' personal archive (2019)



**Figura 4:** Governador do Estado do Pará ignora a manifestação dos estudantes  
**Figure 4:** Governor of the State of Pará ignores the students' demonstration  
Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2019)  
Source: Authors' personal archive (2019)

gados e políticos, pois organizaram uma manifestação contra a demora da entrega do prédio, contrariando todos os "bons modos" ao governador do estado. Apesar de não serem convidados em sua totalidade, apenas levados de ônibus do antigo prédio para o novo, os poucos Agentes Jovens que estavam presentes na inauguração da escola organizaram, em parceria com ou-

tros estudantes, a recepção indignada às autoridades presentes, exercendo uma atitude corajosa de quem foi educado a ter orgulho de ser estudante. Esse sentimento foi alimentado por anos em uma história que virou legado da Dr. Celso Malcher e foi compartilhada pelo entrevistado n.º 5 para esta pesquisa:

*"No primeiro ano de mandato do Simão Jatene, ele inaugurou a UIPP, que é a Unidade de Pronto Proteção do bairro, onde era o antigo Celso Malcher. E nesse dia ele entregou o fio do bigode dele pra uma aluna. Que ela falou pra ele mostrar o plano onde que ia ser construída a escola que isso e aquilo 'acho que você é um mentiroso porque você não vai inaugurar', aí ele pra comprovar que iria inaugurar tirou o fio do bigode e entregou à ela. Ela não foi permitida entregar porque momento político ali não se era permitido. A gente entendeu, mas a gente como aluno queria que ela fosse entregar o fio do bigode pra ele porque ele não cumpriu, porque ele falou que não ia demorar muito, então ela deveria entregar e dizer na cara dele que ele não cumpriu com o que ele falou naquele período né? Mas não pôde por um momento político ali na época que estava. Então, a gente concordou, mas a gente queria que ela entregasse ou se ela não pudesse, a gente, como alunos, entregar a ele, né? [...] Então a gente se sentiu desrespeitado por isso. Então, eles fizeram tudo isso escondido pra que a gente não pudesse se manifestar como a gente queria, né? Tanto que foi muito rápido a nossa manifestação."*

A verdade é que a história que atravessou gerações de estudantes do Celso Malcher formou a compreensão da necessidade de luta para conquistar o direito de estudar com dignidade. Mesmo quando aconteceu a inauguração do tão esperado prédio próprio, nunca foi opção recuar na honra que os estudantes construíram ao passar dos anos. A indignação coletiva enraizou naquele momento um dos maiores desafios educacionais: a construção da consciência crítica do local do estudante.

O ensino médio continuou durante o início das atividades na nova escola e, depois, foi substituído integralmente pelo ensino técnico. A Escola Estadual de Ensino Técnico do Estado do Pará (E.E.T.E.P.A.) Dr. Celso Malcher é inaugurada em 2019 na área do Parque de Ciência e Tecnologia (PCT) do bairro Guamá, localizado dentro da Universidade Federal do Pará. A escola abrange 5 cursos técnicos, entre eles: Técnico em Informática, Segurança do Trabalho, Administração, Informática para Internet, Meio Ambiente. A intenção dessa transformação faz parte do planejamento para a preparação de profissionais que possam responder às demandas do mercado de trabalho, dessa forma, a sua localização na área do Parque de Ciência e Tecnologia se constrói estrategicamente próximo às empresas e suas dinâmicas.

Rodrigo Quintes, diretor da Fundação Guamá, em uma entrevista para a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Educação Superior, Profissional e Tecnológica (SECTEC), demonstra qual a intenção do PCT Guamá com a comunidade da E.T.E.E.P.A.:

*Temos a intenção de promover uma integração forte com as empresas que atuam no parque, principalmente as que trabalham com o desenvolvimento de software, considerando que informática é uma das áreas temáticas da escola. Temos pla-*

*nejado o início de algumas atividades de capacitação para os alunos e, no futuro, a gente imagina que eles possam atuar nos projetos das empresas e laboratórios do Parque.*<sup>5</sup>

Quando o novo prédio foi inaugurado, o Projeto Jovem de Futuro não conseguia mais manter seu ritmo de funcionamento pela ausência de recurso financeiro. Dessa forma, com a criticidade construída por ele na base, os estudantes conquistaram a concepção do direito de lutar pela sua autonomia, assim, tentaram reativar o Grêmio Estudantil, que havia sido fundado no prédio anterior. Todavia, a nova coordenação era dura em não autorizar a existência da organização e, então, gradualmente a equipe que estava disposta foi enfraquecendo. Não é de se estranhar esse posicionamento quando analisada a origem das escolas de ensino técnico em não incentivar a luta pela liberdade e a construção coletiva da educação em parceria com os alunos.

A diferença entre o Ensino Regular e o Ensino Técnico, que foi vivenciada por 1 ano e 2 meses, era além do currículo adotado. Obtivemos relatos de momentos em que eventos científicos eram construídos apenas para o público técnico, assim como o cerceamento das tentativas dos estudantes de utilização dos espaços de convívio (como a quadra esportiva) para o lazer e a organização de assembleias estudantis, que eram organizadas pelos estudantes do ensino regular. Nesse contexto, enquanto a coordenação da escola atuava diretamente com os professores por meio das reuniões frequentes e conversas nos corredores, os estudantes ocupam o lugar do ser que precisa absorver conhecimento e não questionar como é feito, reforçando a hierarquia autoritária de quem manda e quem obedece.

Ainda que existam projetos de cunho crítico-social na escola para o cumprimento da carga horária das escolas técnicas e dos professores, há de se questionar o impedimento da organização estudantil. Por que os estudantes não podem se reunir no espaço da escola? Por que não podem formar uma entidade que os represente para o diálogo com a coordenação e com a SECTEC (responsável pelas escolas técnicas paraenses)? Onde mora o medo dos estudantes evoluírem em sua autonomia de questionamento e criticidade a partir da auto-organização? São perguntas que valem ser feitas e refeitas.

Está se desenvolvendo um cenário de priorização do avanço do tecnicismo para a educação, em consonância com a política liberal de alienação para o controle efetivo tanto da mercadoria quanto dos trabalhadores. Nesse sentido, segundo a lógica freiriana, a maneira tecnicista de gerir a educação limita seu caráter social à construção do pensamento crítico e emancipador.

## 5. Considerações finais

A partir da análise que a escola é um subsistema dentro do sistema capitalista e, por isso, é fundamentada para a ma-

nutenção do seu modo de produção, é possível perceber que o currículo está além da grade de conteúdos abordados em sala de aula, por abranger também os princípios éticos e morais na formação dos estudantes/futuros trabalhadores. Para romper com essa lógica burguesa, deve-se tomar o controle da escola e de seu projeto educativo, por entender que toda educação é política; e, por se construir assim, é necessário tomar lado. É tarefa dos profissionais da educação estar ao lado da democracia, contra o autoritarismo, junto aos explorados e oprimidos, às mulheres, às diversas etnias, aos favelados, aos LGBTIA+, e todos que são alvo estrutural do capital, sempre incentivando a reflexão crítica para a emancipação total, para tomar conhecimento de quem se é em sociedade e, conseqüentemente, transformá-la.

Para isso, faz-se necessário, não ironicamente, defender a educação longe dos cortes de verbas, das precarizações, da não valorização de seu patrimônio material e de seus profissionais. Dessa forma, é preciso compreender que, em um mundo organizado para dominar as classes mais pobres, a divergência será sempre ousada, corajosa e, por si só, sinônimo de luta, e isso Freire (1996, p. 46) já afirmava quando dizia: "a minha resposta à ofensa à educação é a luta política, consciente, crítica e organizada contra os ofensores". Nesse sentido, a educação, como conhecemos, sempre será ideológica, o que pode ser transformado é dela estar a serviço da liberdade do povo.

Torna-se indispensável construir uma nova forma de gerir a educação capaz de dar poder aos trabalhadores, longe da imposição do mercado financeiro internacional. Esse desafio deve ser cotidianamente a devoção intelectual e física dos educadores, por compreender que ensinar não carece de receita, mas sim de pesquisa constante e dialética para fomentar o pensar certo. Não há tempo para esperar os bons ventos, o mundo ideal, é necessário começar desde hoje a dar os passos rumo à liberdade, entendendo as fases do ser humano, com a empatia e alegria de estar em sociedade, valorizando todos os conhecimentos e incentivando sempre a busca pela verdade. Isso porque, apesar de todas as dificuldades, "[...] esta educação somente pode ser realizada, em termos sistemáticos, pela sociedade que fez a revolução, isto não significa que a liderança revolucionária espere a chegada ao poder para aplicá-la" (Freire, 1999, p. 75).

Em suma, este trabalho pretendeu entender a disparidade entre a educação emancipadora e a educação tecnicista, tendo como método a caracterização do Projeto Jovem de Futuro na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Celso Malcher. Para se atingir uma compreensão da importância de um ensino focado na construção da consciência crítica na relação educador/educando, verificou-se que, quando a escola dribla o seu funcionamento exclusivamente institucional, passa a ser espaço ativo de emancipação coletiva e construção de poder pelos trabalhadores. A análise permitiu concluir que o avanço do ensino técnico, focado no mercado de trabalho, limita o avanço dos estudantes à necessidade crítica de existir e transformar o mundo, pois sua

<sup>5</sup> Entrevista disponível no site PCT Guamá.

operação é demandada para a manutenção do sistema capitalista, o mesmo que oprime e explora a classe trabalhadora que, em maioria, ocupa as escolas públicas brasileiras. Sendo assim, uma escola com projetos sociais envolve não só os estudantes, mas também a comunidade ao redor, por inaugurar uma nova forma de se relacionar com a educação, por meio da cultura, da arte e da compreensão de desenvolver ações pertencentes à realidade vivida. Em pesquisas futuras, pode-se analisar qual o benefício às escolas técnicas em restringir o desenvolvimento político dos estudantes e, mais profundamente, qual o interesse de empresas, como o Banco Itaú, na construção e no financiamento – o que não foi o caso da Dr. Celso Malcher – de projetos nacionais em escolas públicas.

## Referências

- AKKARI, A.; MESQUIDA, P. 2020. A pedagogia crítica e emancipatória/libertadora de inspiração freiriana. *Roteiro*, [S. l.], v. 45: p. 1-22. DOI: <https://doi.org/10.18593/r.v45i.23948>
- CÂMARA DE NOTÍCIAS, Agência. 2021. *Setor automotivo critica política industrial brasileira em debate na Câmara*. Disponível em: Setor automotivo critica política industrial brasileira em debate na Câmara - Notícias - Portal da Câmara dos Deputados (camara.leg.br). Acesso em: 26/10/2022.
- CÂMARA DE NOTÍCIAS, Agência. 2021. *Matriculas no ensino técnico crescem 17% em sete anos, mas índice ainda está longe da meta do PNE*. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/805418-matriculadas-no-ensino-tecnico-crescem-17-em-sete-anos-mas-indice-ainda-esta-longo-da-meta-do-pne/>. Acesso em: 15/07/2022.
- CARVALHO, S. M. G. D.; PIO, P. M. 2007. A categoria da práxis em Pedagogia do Oprimido: sentidos e implicações para a educação libertadora. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, [s. l.], v. 98, n. 249: p. 428-445. DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.98i249.2729>
- FREIRE, P. 1996. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo, Paz e Terra, 76p.
- FREIRE, P. 1999. *Pedagogia do Oprimido*. 27ª edição. São Paulo, Editora Paz e Terra, 256 p.
- FREIRE, P. 1987. *A importância do ato de ler*; em três artigos que se completam. São Paulo, Autores Associados: Cortez.
- FURTADO, R.; BORGES, C. 2021. Educação, ensino e pesquisa: reflexões a partir de pedagogias críticas da educação brasileira. *Filos. e Educ.*, Campinas, SP, v.13, n. 3: p. 2601-2626. DOI: <https://doi.org/10.20396/rfe.v13i3.8661940>
- GUAMÁ, PCT. 2021. Eetepa Dr. Celso Malcher comemora três anos com diversas atividades nesta terça-feira (28). Disponível em: <http://pctguama.org.br/?p=132134&lang=pt>. Acesso em: 15/07/2022.
- HYPOLITO, Á. M. 2010. Políticas curriculares, Estado e regulação. *Educação & Sociedade*, v. 31: p. 1337-1354. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302010000400015>
- MARQUES, A. 2012. A pedagogia tecnicista: um breve panorama. *Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí – UFG*. v.1, n. 12. DOI: <https://doi.org/10.5216/rir.v1i12.1313>
- MAQUIAVEL, N. 1513. *O príncipe*. Disponível em: O Príncipe (portalabel.org.br). Acesso em: 24 de novembro de 2022.
- MINAYO, M. C. de S. (org.). 2002. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 20. ed., Petrópolis, Vozes.
- MIRA, M. M.; ROMANOWSKI, J. P. 2009. Tecnicismo, neotecnicismo e as práticas pedagógicas no cotidiano escolar. In: IX Congresso Nacional de Educação–EDUCERE e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, 2009. *Anais...*, Curitiba, p. 10208–10219.
- NÓVOA, A. 1999. (org.) *Profissão professor*. Ed. 2, Portugal, Porto Editora.
- OLIVEIRA, Fernando Bonadia de. 2020. Entre liberais e tecnicistas: a didática nas reformas do ensino. *Educação em Revista*, v. 36. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698220281>
- PORTAL DA INDÚSTRIA. Disponível em: \Institucional – Portal da Indústria (portaldaindustria.com.br). Acesso em: 26 de outubro de 2022.
- SCHLESENER, A. 2021. Educação repressiva e educação emancipadora: notas acerca da personalidade autoritária e seus desdobramentos na educação. *Revista Katálysis*, 24: p. 417-426. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2021.e77659>
- SEVERINO, A. J. 2007. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo, Cortez.
- SHIROMA, E. O; EVANGELISTA, O. 2015. Formação humana ou produção de resultados? trabalho docente na encruzilhada. *Revista Contemporânea de Educação*, vol. 10, n. 20, julho/dezembro. DOI: <https://doi.org/10.20500/rce.v10i20.2730>
- SILVA, A. 2016. A pedagogia tecnicista e a organização do sistema de ensino brasileiro. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 70: p. 197-209. DOI: <https://doi.org/10.20396/rho.v16i70.8644737>

Submetido: 28/11/2022

Aceite: 25/05/2023